

AS VIVÊNCIAS DO SUJEITO CODA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO INTÉRPRETE E DOCENTE EM LIBRAS: Fragmentos de uma Memória

Alexandre Fagner Garcia Medeiros Rocha¹

Mifra Angélica Chaves da Costa²

RESUMO

Coda é uma sigla criada para designar os filhos de pais surdos, que em inglês significa *Child of Deaf Adults*. Que são pessoas que vivem entre “dois mundos”, o do Surdo e o do ouvinte. Como uma ponte, vivendo, passando e experienciando esses mundos. Com isso o presente artigo tem em sua composição aspectos que norteiam a pesquisa a compreender se as vivências do sujeito Coda é capaz de influenciar na aquisição identitária do profissional tradutor- intérprete e do docente de Libras. Como se dá a construção dessas identidades enquanto Coda? E quais as potencialidades ou fragilidades nesse processo identitário? Este trabalho tem como objetivo analisar as experiências de um sujeito Coda e as contribuições dessas vivências para a formação do intérprete e docente em Libras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, autobiográfica, que está corteja os segmentos: A formação da identidade do Coda (Souza, 2014); A Experiência Viva Do Sujeito Coda (Oliveira, 2022) e a Escrita De Si (Costa, 2019). Por fim, os resultados obtidos, ressaltamos que essas vivências na construção dessas identidades faz com que reflitamos acerca do ensino e aprendizagem de uma educação bilíngue para todos. Para que tenhamos mais possibilidades de se aprofundar em pesquisas e intercâmbios de conhecimentos.

Palavras-chave: coda; construção identitária; relatos de si; intérprete de Libras e docente em Libras.

ABSTRACT

Coda is an acronym created to designate children of deaf parents, and means “child of deaf adults”. They are people who live between “two worlds”, that of the Deaf and that of the hearing. Like a bridge, living, passing through and experiencing these worlds. Therefore, this article has in its composition aspects that guide research to understand whether the experiences of the subject Coda are capable of influencing the identity acquisition of the professional translator and interpreter and the Libras teacher. How are these identities constructed as Coda? And what are the potentialities or weaknesses in this identity process? This work has the objective to analyze the experiences of Coda subjects and the contributions of these experiences for the graduation process of the interpreter and teacher in Libras. This is a qualitative, autobiographical research, which is courting the following segments: formation of Coda's identity (Souza, 2014), the lived experience of the Coda subject

¹ Graduando do curso de Letras- Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido(UFERSA).
E-mail: alexandreerocha6@gmail.com / alexandre-rocha@live.com

² Professora orientadora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) campus Caraúbas.
E-mail: mifra@ufersa.edu.br

(Oliveira, 2022) and the writing of oneself (Costa, 2019). Finally, through the results obtained, we emphasize that these experiences in the construction of these identities make us reflect on the teaching and learning of bilingual education for everyone. So that we have more possibilities to carry out research and exchange knowledge.

Keywords: Coda; identity formation; self-reports; Libras interpreter and teacher.

INTRODUÇÃO

Este artigo traz análises, reflexões e experiências narradas acerca do sujeito Coda, e suas vivências na construção de suas identidades. Vale ressaltar que esse estudo ganha uma notoriedade, por vez que o sujeito investigado é Coda, intérprete, tradutor e docente em Libras. E que a percepção sobre as vivências de tal sujeito pode ser melhor compreendida a partir da análise de outras narrativas de vida. O objetivo central é analisar as experiências do sujeito Coda e as contribuições dessas vivências para a formação do intérprete e docente em Libras.

Os objetivos específicos se delineiam em apresentar o relato autobiográfico de um sujeito Coda e sua perspectiva sobre a formação docente em Libras; cotejar narrativas autobiográficas de sujeito Coda e como suas experiências influenciaram na formação identitária docente e identificar em narrativas autobiográficas de sujeitos Coda experiências significativas para o processo de formação docente e de intérprete.

E em sua composição tem aspectos que norteiam a pesquisa a compreender se as vivências do sujeito Coda é capaz de influenciar na aquisição identitária do intérprete e docente em Libras e como se dá essas construções identitárias do sujeito enquanto Coda, como também quais as potencialidades ou fragilidades nesse processo identitário.

Este trabalho surge de uma experiência pessoal, que por ser Coda houve uma certa influência para a escolha profissional, e porventura na temática. E percebendo que essa experiência, ou melhor dizendo, essas experiências contribuíram durante a formação do sujeito, queremos entender, pelas narrativas autobiográficas, entre o ser Coda, o ser intérprete e docente em Libras fez com que essas vivências, seja de forma direta e/ou indireta, contribuíram na conquista ou aquisição dessas identidades.

Por vez, a escassez de produções acadêmicas sobre a temática, que parte de uma experiência pessoal, numa perspectiva mais intimista desses sujeitos no fazer Coda, intérprete e docente, que levaram ao estudo acerca da comunidade Coda.

Para isso faço refletir acerca das relações do ser Coda, com base na narrativa autobiográfica, o acesso a dois universos culturais com processos identitários inerentes a si. Daí a justificativa da importância desse estudo.

Analisando as experiências de sujeito Coda e as contribuições dessas vivências para a formação dessas identidades, seja ela de intérprete e/ou docente em Libras. Apresentar o relato autobiográfico de um sujeito Coda e sua perspectiva sobre a formação do intérprete e docente em Libras. Cotejar narrativas autobiográficas de sujeitos Codas e como suas experiências influenciaram na formação identitária docente. Identificar em narrativas autobiográficas de sujeito Coda com experiências significativas para o processo de formação.

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa no campo da educação, que por ser um viés autobiográfico, busca melhor compreender a singularidade e totalidade do tema em foco.

Para configurar esse trabalho em um relato autobiográfico, como instrumento de pesquisa qualitativa na formação docente, vamos ressaltar a importância e as influências dessas narrativas para o processo de formação do docente em Libras, como também descrever situações específicas que traz alusão a uma problematização podendo assim contribuir para uma construção de conhecimentos na área.

A pesquisa, dar-se-á pela coleta e investigação bibliográfica como pelas análises de outras narrativas, buscando sempre observar, relacionar e relatar essas experiências significativas, que contribuem na construção da identidade do ser docente. Como também a fundamentação teórica será desenvolvida, a partir de leituras de artigos e revistas de principais autores da área, sempre ancorando os conceitos e conhecimentos, com nuances da história e da vivência particular do autor, ao processo de construção identitária do Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais- Português (TILSP) e docente em Libras que se encontram no referencial teórico.

Este escrito está organizado em cinco tópicos, sendo esta *Introdução* a primeira seção. Na segunda seção, *o que é Coda? Quem são esses sujeitos? Que contribuições o Coda pode fazer na sua construção identitária?*. Fala da complexidade das identidades e a diferenciação com papéis e o processo de construção identitária do Coda. Depois o sub-capítulo com *Intérpretes e Professores Coda, uma breve reflexão sobre identidade pessoal e profissional*. Abordará a

diferenciação de duas identidades e a preocupação do Coda. A terceira seção "*Delineamento Metodológico Da Pesquisa*". Trata de autores da área e conhecimento empírico acerca do estudo, como também o processo que desenvolveu esse trabalho. Depois a quarta seção "*Fragmentos De Uma Memória, Uma Análise Sutil*", com três subcapítulos, "*O Caminho Silencioso*", "*A Ponte entre os Dois Mundos*", "*O Fardo Doloroso e um Ensino Restaurador*", trazendo a narrativa (auto)biográfica do autor que escreve esse artigo e por fim as considerações finais, intitulada de "*Believe In Me*". Trazendo as conclusões e as análises acerca das problemáticas.

2. O QUE É CODA? QUEM SÃO ESSES SUJEITOS? QUE CONTRIBUIÇÕES O CODA PODE FAZER NA SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA?

O termo CODA, abreviação em inglês de "*Children of Deaf Adults*", que traduzindo de forma direta ao português, significa filho de pais Surdos, "é uma sigla criada por uma organização norte-americana, que desenvolve trabalhos com os filhos desses sujeitos". (Silva, 2015, p. 33).

Trabalhos que tem por objetivo a troca de experiências de Coda em todo o mundo. A ideia de que exista uma troca e uma rede de apoio de informações referentes a essa temática. Inclusive aqui no Brasil existe um movimento de Coda, cujo objetivo é o mesmo, divulgar eventos e notícias, de quem vive nesses dois universos subjetivos, sociais e linguísticos.

Tendo como pressuposto as problemáticas citadas no título acima, esse estudo evidencia que o processo de aquisição identitária ocorre em três caminhos ditos importantes para esta pesquisa, que é enquanto Coda, Intérprete e enquanto Professor de Libras. É importante frisar, que construções identitárias percorrem por toda uma existência do ser, em várias subjetividades, entenda essa "subjetividade" como um entendimento do "eu", que perpassa por emoções, discursos, nuances (passagens, fragmentos, momentos, rupturas, marcas) que temos na nossa vida, que em contato com determinada cultura, momento da vida, passamos a significá-las, experienciá-las e assim podendo pertencê-las.

Mesmo com a complexidade da constituição da identidade dos indivíduos na contemporaneidade, é possível encontrar elementos que ajudam a refletir sobre as indagações existentes acerca de uma

possível identidade... adotando uma visão fragmentada do sujeito. Nesse sentido, o complexo estilo de vida... o exige que o sujeito assuma diferentes identidades, possibilitando a ocorrência de conflitos de apropriação de conduta, isto é, tensões pessoais entre identidades distintas como, por exemplo, quando o que é exigido por uma identidade interfere nas exigências de outra, (Souza, 2014, p.48).

Para melhor compreensão, 'identidades' são diferentes de 'papéis' que desempenhamos na sociedade, embora as palavras sejam esquivas de similaridade, evoco Castells (1999, p. 22-23), que para ele, uma mesma pessoa pode representar vários papéis, sendo que esse papel é algo que tem um elo de 'poder exercer algo', estruturalmente convencionado por instituições ou convenções sociais, como uma mulher, ela pode ser mãe, esposa, intérprete de Libras, Professora de Libras e Empreendedora. Enquanto para a identidade é o conjunto de valores que aquele indivíduo atribuiu um significado.

Com isso, fica mais claro entender que na composição do sujeito ao longo de sua vida, ele pode ter várias identidades e um único papel, ou uma identidade e vários papéis.

Para tanto, é valioso entender, que esse processo identitário dá-se por relações dialéticas, externa e/ou internamente com a sociedade, fomentando uma vasta gama de elementos sócio- histórico- culturais brasileiras.

Quando falado da comunidade Surda, é visto que existem elementos como costumes, crenças, ideais, hábitos e o elemento primordial de sua identidade que é a Libras, sua língua. Para Strobel (2009, p. 44) a língua de sinais é uma das principais marcas de identidade da comunidade Surda. E ainda Strobel (2009, p. 31) complementa que a comunidade Surda não é de fato formada apenas por Surdos, mas por todos os membros que compõem e usam a Libras, compartilhando dos mesmos interesses. Entrando aqui todos que compõem a comunidade, que são: amigos, família, professores, intérpretes e o Coda.

Figura essa tão emblemática e ao mesmo tempo tão importante. Emblemática, pois a construção da sua identidade acontece em dois mundos distintos, o mundo dos surdos e dos ouvintes. É importante, pois o Coda exerce um papel primordial em possibilitar que o seu familiar Surdo não seja colocado às margens da sociedade, sendo ele a primeira ferramenta de comunicação, ou uma ponte comunicativa.

O processo de construção da identidade do filho ouvinte de pais surdos pode se dar a partir da experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos e no contato com a comunidade surda. O desenho desse cenário contribui com a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas, relacionando-as com questões de caráter filosófico, ético e estético marcadas por tensões em “zonas de fronteiras” e de contato entre os universos surdo e ouvinte. (Quadros e Masutti, 2007, p. 246).

Com base na argumentação acima, sabe-se que a cultura é um importante alicerce para a formação da identidade. Pois o “encontro com o conhecimento adquirido pela comunidade, entre o sujeito e os elementos culturais que o cercam, deparando-se com a bagagem adquirida por cada indivíduo nas suas próprias experiências, pode gerar identificações culturais”. (Souza, 2014, p.53).

Quadros (2017) ainda destaca que o CODA é herdeiro da língua de sinais e da cultura Surda.

Codas estão, permanentemente, vivendo entre fronteiras da língua, do idioma e da cultura. Suas sensações e experiências com o corpo das línguas orais e visuais remetem para o caráter tenso de ter que suportar o peso da idiomaticidade de duas línguas que são irreduzíveis uma à outra e de dois mundos culturais que apresentam uma forte assimetria em suas relações de poder. (Quadros; Massutti, 2007, p. 248).

Com isso surgem dois questionamentos. Mas até que ponto essa herança cultural é benigna ou nocente para o Coda? Isso influencia diretamente em seu meio pessoal que reverbera para o profissional?

Na próxima seção iremos refletir e debater sobre essas indagações sobre os intérpretes e professores Coda e a construção dessa identidade pessoal e profissional.

2.1 - INTÉRPRETES E PROFESSORES CODA, UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE PESSOAL E PROFISSIONAL

Existe uma prerrogativa, dentro da própria comunidade Surda, de que todo Coda, será no futuro um intérprete ou professor de Libras quando crescer, já que tem essa aquisição linguística tão intrínseca e fluente ao longo da sua formação humana. Existe essa expectativa que pelo fato de ser Coda quase se configura

como um determinante para a escolha profissional, seja como intérprete ou docente de Libras.

No longa, “No Ritmo do Coração”, não seria diferente, a diretora Sian Heber escreveu um roteiro, o qual possui passagens significativas para a reflexão de como se dá a vida de um Coda. O filme aborda a vida conturbada de Ruby Rosi (Emília Jones), 17 anos de idade, que passa por constantes inseguranças do que deseja ser para o futuro. Pois até então ela ficou encarregada de ser a intérprete dos pais, pois na história os pais e o irmão são surdos. E quando ela galga em seguir outro rumo para a vida dela, a mesma não tem o apoio familiar. A protagonista se vê sufocada, entre as obrigações escolares e a responsabilidade de cuidar de seus pais. O que impede de buscar o que faz sentido para a vida dela.

Quadros (2004, p. 30) explana sobre alguns mitos do profissional intérprete afirmando que,

O fato de o filho de surdos dominar fluentemente a língua de sinais por tê-la adquirido naturalmente não garante o status de profissional. Pois, para ser considerado um intérprete de fato, é preciso passar por uma formação teórica e prática com o objetivo de desenvolver competências técnicas de interpretação, além de estar preparado para proceder diante das situações mais delicadas na atuação profissional. (Souza, 2014, p.75).

É perceptível que desde muito cedo, os Codas por terem fluência nas duas línguas, tenham uma posição diferenciada das pessoas que ainda estão aprendendo Libras e, posteriormente, passem a atuar como intérpretes. Esse processo que o profissional tende a passar, tem um esforço, estudo e dedicação, pois ele tem que assimilar os dois mundos ao mesmo tempo, e é isto que acontece com o Coda.

Para Lacerda (2009, p. 16), existem três princípios para o exercício da interpretação, que é “ouvir o enunciado, romper com a literalidade das palavras e produzir um novo enunciado”, sendo que para tal objetivo é necessário o domínio das duas línguas, Libras e a Língua Portuguesa.

Quando retrata essas duas línguas no contexto do Coda, nos deparamos com uma temática bastante discutida, o Bilinguismo e a Bimodalidade. É importante frisar que esse trabalho não pretende se deter as conotações subjetivas do bilinguismo, pois essa temática é muito profunda e vai além de uma definição.

E sobre identidade, lembramos que é um processo formado a partir de

fragmentos das relações sociais, nesse contexto, a construção da identidade pessoal do Coda dar-se-á pelos ambientes que ele ocupa, entre esses dois universos. Que poderão gerar identidades fragmentadas, uma vez que há relações culturais que podem caracterizar essa identidade. Souza (2014, p.98) revela que;

Ouvintes não compreendem muitas referências culturais surdas [...]” (Quadros e Masutti, 2007, p. 249), assim como muitas perspectivas dos ouvintes, principalmente relacionadas à língua, são muitas vezes questionadas pelos surdos. Construir identidades a partir de diferentes concepções culturais faz com que o Coda busque estabelecer comparações no sentido de entender o lugar em que se encontra. (SOUZA, 2014, p.98)

Desse modo, existe uma preocupação do Coda, de pertencer a esses dois mundos, o mundo do Surdo e do ouvinte, uma vez que isso é relevante, pois na medida que muitas experiências são vivenciadas na comunidade Surda, perdem seu brilho na comunidade ouvinte e vice-versa. Neste contexto, a identidade pessoal do Coda desse entendimento, é (re)pensada.

Para abordar sobre a identidade profissional, seja ela como intérprete ou professor, precisarei citar brevemente Dubar (2005), pois o mesmo diz que há dois “eixos de identificação”: o sincrônico, que é um contexto dentro de um espaço, e o diacrônico, que remete a trajetória do sujeito a partir de sua história pessoal. Que só conseguimos entender essa trajetória, se nos dispusermos a relacionar esses dois processos. Daí o processo autobiográfico é apresentado, que nada mais é que vivências que acontecem num determinado período e local, que são motivadas por significados de pertencimentos.

Embora existam caminhos diferentes, o ambiente, os pais, amigos, a comunidade Surda tem grande influência quando o Coda decide se tornar intérprete e/ou professor de Libras. Perceba o tornar-se, pois, as subjetividades de sua identidade estão sendo construídas para si. Como Simone de Beauvoir (1980) disse “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Parafraseando a fala dela digo que, ninguém nasce Coda, torna-se Coda, ninguém nasce Intérprete ou Professor de Libras, torna-se! Basicamente ela queria dizer que não temos uma identidade formada quando nascemos. Mas que ao existir e a partir das nossas escolhas, vivências vamos definindo melhor o que somos.

De acordo com Preston (1994) e Souza (2014), “60% das crianças ouvintes filhos de pais surdos trabalham de alguma forma com os adultos surdos, por

exemplo sendo intérprete ou professor de surdos”, entre outros fatores, muitos CODAS podem sentir uma conexão forte e permanente com a comunidade surda”.

É importante destacar aqui, que essas crianças desde muito cedo tem a vivência de estar nas associações de Surdos, e boa parte das amizades ser constituídas por Surdos. Lógico que nem todos os Coda frequentam os mesmos espaços que os pais, e que isso não é via de regra. Mas isso não só estimula, como proporciona que o Coda continue atuando nessa área, seja para ajudar seus pais ou os amigos de seus pais.

Ainda com base na citação anterior, buscamos uma fala de um fragmento memorável, que mais adiante está escrito com mais detalhe no título “*fardo doloroso e um ensinamento restaurador*”.

Agora o porque que eu escolhi Letras Libras? Nem eu sabia. Para falar a verdade eu sei. Em uma palestra espírita na Paraíba, teve apenas uma única mulher intérprete, que ativamente ela interpretou todo o evento. Não teve substituto, era apenas ela. Em um dado momento ela perguntou na plateia se não tinha ninguém que pudesse ajudá-la pois a mesma já estava cansada, naquele momento eu quase que me levantei, mas o medo me travou, pois ali eu sabia falar, mas a língua caseira e fiquei receoso de não saber a técnica para melhor interpretar...

Por esse viés que o CODA, opta por seguir esse perfil profissional, seja como intérprete ou professor, pois facilmente aliam sua condição e experiências, com o forte contato e a permanência com a comunidade Surda. Na próxima seção iremos falar sobre o delineamento metodológico e o desenrolar da pesquisa.

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para obter os objetivos esperados, ficou definido o delineamento metodológico para esse trabalho que trata-se de um relato autobiográfico, na forma de narrativa (auto)bibliográfica e qualitativa em educação, buscando compreender a singularidade e totalidade do tema em foco.

Para configurar esse trabalho basicamente seguimos as seguintes etapas: definição do tema alvo, levantamento bibliográfico, coleta e investigação bibliográfica, revisão de literatura, análises de outras narrativas de CODAS. Buscando sempre observar, relacionar e relatar essas experiências significativas, que contribuem na construção da identidade do ser intérprete e docente.

Ressaltamos também a importância e as influências dessas narrativas para o processo de formação do docente em Libras, como também descrever situações específicas que trazem alusão a uma problematização, podendo assim contribuir para uma construção de conhecimentos na área.

Pois a pesquisa qualitativa, requer muito esforço do pesquisador, para relacionar a história pessoal de quem observa com o tema. “Ser a abordagem qualitativa de estudo de caso significa que a realidade só existe a partir do ponto de vista da pessoa, em que o real é a interpretação do fenômeno e não o fenômeno em si.” (Malheiros, 2011, p. 188 apud Souza, 2014, p.83).

A abordagem qualitativa desta pesquisa vem do princípio apresentado por Chizzoti (2000) no qual fala que o conhecimento não é restrito a uma série de informações isoladas para serem analisadas por uma teoria explicativa. O indivíduo (pesquisador e pesquisado) é parte do processo.

[...] a cada nova versão da história, a experiência é resignificada, razão estimulante para a pesquisa educacional, pois nos conduz a buscar as relações entre viver e narrar, ações e reflexão, narrativa, linguagem, reflexividade autobiográfica e consciência histórica [...]. (Passeggi, 2011a, p. 148)

Para a análise deste trabalho, há conceitos teóricos e empíricos, dentre eles destacamos Souza (2014), Souza (2015) Costa (2019), Silva (2016), Ferrarotti (2010), que buscamos sempre relacionar com os principais autores da área. E mesclar com as vivências narradas do autor, em respeito a esse processo de aquisição não só da língua, mas das identidades.

4. FRAGMENTOS DE UMA MEMÓRIA, UMA ANÁLISE SUTIL DAS VIVÊNCIAS DE UM SUJEITO CODA NA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE ENQUANTO INTÉRPRETE E DOCENTE EM LIBRAS

O relato a seguir, foi ocasionado por uma conversa com meus avós paternos e meu pai presente. Com o objetivo de escrever para este artigo. Todas as nuances e detalhes de como escrevo esse relato, servem para concatenar sequências lógicas e harmônicas, de como minhas identidades foram se formando ao longo da minha vida e contribuíram para edificar o que sou no presente. Processo esse muito

importante para aquisição do profissional que sou hoje. Entre um fragmento e outro, tento trazer informações adjacentes para tentar melhor contextualizar.

4.1 - O Caminho Silencioso

Olá, meu nome é Alexandre, no momento que escrevo esse artigo tenho 28 anos, sou natural do Rio Grande do Norte, mais precisamente Mossoró. Sou CODA e ator pela ACCV (Associação Cultural Cidade Viva). Trago aqui a minha singela experiência de vida, de um filho de pai Surdo. Bem, falar um pouco da minha trajetória de vida enquanto sujeito mediador, ativo e às vezes passivo, não é apenas escrachar uma realidade, mas também fazer um refino de ideias e conspirações sobre a possível vida de intérprete e/ou formação inicial como docente na área do curso Letras-Libras.

Trago desde já algumas informações minhas e informações adjacentes do meu pai, da minha família e do contexto social. Ao mesmo tempo que escrevo a vocês sobre a minha história de vida em paralelo trarei um pouco da evolução e conquistas que se tornaram marcos históricos para comunidade Surda.

Em 17 de junho de 1977 aos 2 anos e 6 meses de idade, em Mossoró -RN, Adriano Fagner, meu pai, foi acometido por uma doença agravada por um quadro bacteriano, chamado “meningite bacteriana meningocócica”: uma inflamação nas meninges, que são as membranas que envolvem o cérebro. Existem vários tipos de meningites, mas a mais agressiva e perigosa é a que meu pai contraiu. Os médicos na época desacreditados com a possibilidade de melhoria, trouxeram a notícia mais desagradável para meus avós, que a morte do pai era previsível ou ele teria sequelas irreversíveis, como paraplegia ou surdez.

Minha avó muito devota a Nossa Senhora clamou por um milagre ao “Menino Jesus de Praga” (Santo da religião católica). E após uma semana em coma e um mês internado, o quadro clínico melhora e pai, aos 2 anos e 7 meses, teve alta e vai para casa. Com o passar dos dias meu avô chega em casa com um presente, um carrinho a pilha que ligado fazia muito barulho, e coloca nas costas dele e nota que seu pequeno filho não ouvirá mais. A partir desse momento, meus avós preocupados com a possível surdez, levaram novamente meu pai ao médico e foi constatado que ele é surdo. Uma sequela derivada da doença.

Visto isso, meus avós estavam agora sobre uma nova problemática, a sufrágio da comunicação com seu filho, que agora teria a missão de desenvolver, buscar e adaptar, meios e mecanismos comunicativos para não perder esse contato

com ele e perpassar essa barreira comunicativa. Salientando que no ano de 1977, muitos eventos importantes acerca da comunidade surda já tinham acontecido. E posteriormente também.

Como posso citar, o abade Charles Michel de L'Épée 1712 - 1789, fundou a primeira escola pública para os surdos, "Instituto para jovens surdos e mudos³ de Paris". E no momento ocasional de sua morte, o mesmo já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa. E em 1857 foi fundada a primeira escola para surdos no Brasil no Rio de Janeiro, "Imperial Instituto dos Surdos - Mudos" hoje, "Instituto Nacional de Educação de Surdos" - INES. A criação do código de símbolos por Alexander Melville Bell, a "fala visível", em 1846. A primeira universidade nacional para surdos nos Estados Unidos em 1864, "Universidade Galloudey". Em 1867 nos Estados Unidos foi criada a escola oralista, contrária ao ensino da língua de sinais. Logo mais adiante, por meados dos anos 80, o famoso e tirano Congresso de Milão, em 1880. Onde se pautava a substituição da língua de sinais pelo oralismo. (Karin Strobel, 2009, p. 22).

Onde aconteceu um marco histórico que ressaltava mais a visão de que os surdos necessitavam se igualar aos ouvintes, pois majoritariamente os ouvintes em pleito de votação ganharam pela não propagação da língua de sinais e sim a prática exclusiva e metodologicamente oralista. Os surdos ficaram submetidos por mais de cem anos, deixando de lado a sua identidade cultural e passando então a imitar os ouvintes.

Mesmo diante de todo trâmite do período de dominação oralista, a comunidade surda sempre esteve engajada a mostrar resistência das mais diferentes formas possíveis, "desde da criação de associações, casamento entre eles e escolas que dispunha de uma liberdade com a língua de sinais".

Por volta dos anos 60 e 70 com a frágil emergência de grupos minoritários, como de mulheres, negros, Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT), de proclamar seus direitos, a comunidade surda se inspira nesses movimentos, tomando corpo e voz, e também, encaminhando um currículo na educação dos surdos a uma reforma que indagavam os conceitos tradicionais, sugerindo aí um modelo crítico, que direcionava o molde do currículo para questões de cunho social, político e econômico vigente naquele tempo (Moares, 1990; Schubert, 1986).

³ Atualmente não se usa mais a nomenclatura surdo-mudo, apenas Surdo.

Foi em meados da década de 60 que se nota o surgimento da língua de sinais, apesar da proibição por parte dos oralistas, era quase que nula a existência de escolas onde o surdo não tenha desenvolvido seu modo próprio de comunicação por meio da língua de sinais. Em 1957 proibiram o uso da Libras. Em 1977, quando pai tinha 2 anos, teve a criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA), composta apenas por pessoas ouvintes.

Voltando para a história de pai, durante sua infância e adolescência, ele desenvolveu um comportamento rebelde, visto que não entendia muito o que se passava com ele (relato de meu avô, quando sentei e conversei por horas, para ter embasamento na construção deste artigo), “um processo natural de rejeição de sua condição física”. O que me veio a indagar, o quão teria sido sofrido o caminho que pai tinha percorrido durante sua infância, a ausência da voz paterna e materna, para acalantar suas inquietações advindas do seu coração.

A falta de um universo auditivo que toda criança se encanta e se diverte. Os conselhos dos professores, as músicas de ciranda, ou as músicas que se cantava para ninar. Todas as coisas que tive oportunidade enquanto criança e tiveram um grande papel em minha infância. Confesso que nesse momento onde meu avô falava algo a mais, me perdi em meio a um devaneio onde imaginei o quão cruel foi para meu pai essa fase, mas também, com todas as pessoas que passaram algo semelhante a ele. Um longo e exaurido caminho no silêncio absoluto.

Mas vale ressaltar que nem todos os Surdos passaram por isso, alguns têm acesso desde cedo a cultura, e a todas as coisas que citei acima, seja por causa da família entender o processo e aceitar, buscando meios e ferramentas capazes de trazer esse suporte. Ou por terem nascidos em família mais abastada que por ter condições econômicas mais favoráveis têm acesso a professores de tutores, visivelmente compreendido por Hellen Keller (Surda-cega), que graças a sua (auto)biografia foi transformada em filme, de nome Black.

Adriano, ainda na sua infância/pré-adolescência, buscou no esporte o seu refúgio. E foi assim que ele conseguiu aceitar sua condição enquanto Surdo e não deficiente auditivo⁴. O esporte, Kung Fu, foi uma válvula de escape tão eficiente que pela própria arte marcial ele conseguiu aprender as principais filosofias, que é a

⁴ “Deficiência auditiva é a perda parcial ou total de audição. Essa perda pode ser causada por inúmeros fatores como: genética ou hereditariedade, envelhecimento, exposição a ruído, infecções, complicações perinatais, traumas físicos, medicamentos e agentes ototóxicos”

busca pela harmonia das coisas, a busca pelo equilíbrio e a canalização da energia na mente (foco).

Foi assim que ele disse, que começou a fazer meditação motivado pelo seu ídolo Bruce Lee, e os ensinamentos que o professor dele tentava ensinar naquela época por meio de mímicas, expressões faciais e uma linguagem caseira, que ele começou a entender a sua condição enquanto surdo.

Em meio a sua adolescência, o processo de construção de identidade tão inerente à consciência, que por base de relações intersubjetivas, ou seja, pelas conversas e vivências sociais, foram construindo e desconstruindo, compondo um novo conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la. Pois identidade é aquilo que se afirma ser.

Segundo Silva (2000), a forma da identidade cultural ser distinta por base das características da linguagem, apontam para uma relevante diferença para os surdos. Levando em consideração a peculiaridade da língua ser algo primordial nessa questão. A identidade do surdo é marcada pela dimensão linguística.

4.2 - A Ponte entre os Dois Mundos

Por meados de seus 22 anos de idade, Adriano Fagner, 18 anos de idade, casou-se com Ana Cláudia, 20 anos de idade, e teve um filho em 29 de abril de 1995, eu. Quando nasci meu pai me batizou com um sinal (algo cultural da comunidade surda) que é a configuração de mão em letra "A" + canto da boca + movimento toque rotacionando 2 vezes. E a partir deste momento eu estava inserido na comunidade surda. Não tinha noção do que é a vida, mas já tinha um sinal próprio e já estava imerso na cultura Surda. Um sinal que tem a dizer mais das minhas características do que meu próprio nome em si, para um rápido chamado, esse sinal é do Alexandre. Com isso aprendi alguns sinais que sempre denotam emoções.

Nos primeiros anos de vida, aprendi a usar a língua de sinais em forma de gestos, apontamentos e olhares, além das características de todos bebês que passam pelo processo de aquisição da linguagem, como por exemplo, chorar por fome, por necessidades fisiológicas e até por sono. (Costa, 2019, p.29)

Por volta dos meus 3 anos de idade minha mãe junto com pai, me ensinavam as duas línguas, o Português e a Libras. Por relatos de mãe, eu aprendi primeiro Libras, porém uma forma mais caseira, e só depois comecei a balbuciar algumas palavras. É perceptível que aos meus 3 anos de idade, a apreensão de pai em me ensinar algo, e ter contato comigo, tinha o advento que minha mãe trabalhava o dia todo, e era pai que cuidava de mim. Sinais do tipo, “estou com fome”, “estou com sede”, “estou com sono”, “quero fazer xixi”, “quero fazer cocô”, entre outras, são as que tenho maior lembrança.

E quando eu não entendia algum sinal minha mãe tratava de me dizer o que pai estava querendo me falar. Era sempre assim, eu os via conversando e repetia alguns sinais, às vezes mãe tinha uma conversa bimodal na minha frente para que eu pudesse ouvir, assimilar e entender o que estava sendo dito. Mas antes quando ela o conheceu, não possuía essa fluência com a língua de sinais. Ela me relatou que no começo do namoro ela só sabia fazer o "ABCedário da Xuxa" em Libras. E com muita dedicação em querer comunicar-se com ele, ela foi aos poucos aprendendo a falar, porém uma língua mais caseira.

Entre idas e vindas, meus pais se divorciaram e a minha tutela ficou com minha mãe e aos finais de semana ia para casa de pai. Neste processo da minha vida, meu desenvolvimento com a língua de sinais meio que estagnou, pois o contato era limitado aos poucos finais de semanas que ia.

Neste momento me lembro com maior fervor, que eu ajudava pai na questão de ser seu intérprete pessoal aonde ele ia. E foi esse sentimento de “obrigação” que me tirou da zona de conforto, fazendo com que eu não quisesse ir mais para casa de pai. Pois em mente pensava que no próximo final de semana, ele iria sair pra algum canto e eu teria que interpretar. Além de não passar todas as informações, pois não tinha um vasto repertório linguístico na Libras. Me detinha aos poucos sinais que sabia e fazia uso de muitos classificadores, tentando juntar os contextos para melhor passar a informação para pai. Para Souza (2014, p. 74-75),

Às crianças atuam como intérpretes em um contexto em que a idade pode ser questionada, por colocá-las em conflitos ou situações de vulnerabilidade por estarem com uma atividade cognitiva muito alta, além de proporcionar uma pressão psicológica ainda maior por estarem em situações que geralmente não condizem com sua idade.

Um momento significativo foi quando íamos ao hospital, ele sendo o paciente. Num dado momento o médico perguntou se ele tinha alergia, se sim, qual era a alergia e qual medicamento. Na hora eu travei, pois, não sabia o sinal de alergia, e nem um sinal caseiro me veio à mente. Então aproveitei que o médico não estava olhando para pai e falei que não sabia se ele tinha alergia e nem se tinha algum medicamento, o médico olhou para mim e disse, então pergunta a ele. E pai ali sem entender nada me perguntando o que o médico tinha dito, e falei para pai que não sabia o sinal de alergia, ele fez o sinal de coceira e disse que não tinha. Mas a forma como o médico falou comigo e aquela situação me deixou um pouco frustrado. Teve outras situações, mas essa em questão foi pesada, porque já tinha em mente uma notícia que surdos já tinham morrido por erro médico ao passar um medicamento errado, e ali eu fiquei com medo de ter feito algo errado e meu pai morrer. Foi perturbador demais para uma criança.

Me questiono se a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI) - Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 ou o decreto nº 5.626, de 2005, fosse de fato efetivadas, naquele tempo. Acredito que determinadas situações teriam sido evitadas, porém compreendo que estamos aos poucos avançando e os direitos estão sendo assegurados.

4.3 - O Fardo Doloroso e um Ensino Restaurador

Imagine uma criança com seus 6 aos 7 anos de idade, ter a responsabilidade de cuidar de um adulto e guiar, orientar, e ser os ouvidos do adulto. De ser intérprete quando não queria ser. Nessa época meu pai tinha 24 a 25 anos. Destaco aqui, que nessa época por volta de 2002, foi instaurada uma Lei de Nº10.436/2002 que reconhece a Libras como uma língua. E a sua não oficialização.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como língua brasileira de sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de

ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Existe um dilema de que, se ela fosse oficializada, a Libras seria obrigatória, o fato de ser reconhecida não dar margens para a sua implementação mais concisa na grade curricular de ensino brasileiro. E esse fato não contempla a obrigatoriedade, ocasiona em diversos obstáculos, que posso bem citar dois importantes, como a não disseminação da Libras, como também a falta de acessibilidade em ter pessoas capazes de se comunicar para prestar determinados atendimentos.

Pois bem, quando era criança por diversas vezes tive que acompanhar pai para resolver coisas de adulto, dentre elas, coisas de cartão, contas de água e energia e a maior de todas as responsabilidades, acompanhar pai ao médico, sendo ele o paciente. A minha maior decepção que tenho lembrança foi justamente uma ida ao médico onde não soube interpretar o que o médico dizia para pai. Foi perturbador, porém necessário para o meu aprendizado. Mas essa foi basicamente a minha realidade por um bom tempo. Meus avós criaram uma dependência em mim para se comunicar com pai, não só ele, mas qualquer pessoa que fosse se comunicar, eu teria a responsabilidade de passar tudo para ele. E eu achava isso muito cansativo naquela época.

Até que um dia na escola meu pai tinha ido me buscar de bicicleta pois eu ia passar o final de semana na casa dele. E eu sentado observando os pais virem buscar seus filhos eu ouvia muito os pais falarem, “- Papai te ama filho”. E um coleguinha chegou perto de mim e disse, “seu pai é surdo e mudo né?, então ele não fala eu te amo”. Hoje percebi que a criança pode ter dito isso sem maldade, mas eu interpretei com pesar e fiquei mal com aquilo. Meu pai é muito visual, e assim notou que eu estava triste e perguntou o porquê, expliquei a ele o que tinha acontecido.

Eu sentado no balanço e ele agachado olhando para mim pedindo carinhosamente para levantar a cabeça, e ele levantando com a sua mão meu queixo tentou balbuciar: - “Eu te amo”. Foi com dificuldade que ele disse. Mas disse, e acrescentou em Libras, eu posso não falar eu te amo, mas eu demonstro, e me deu um abraço apertado. Na volta para a casa pegou umas poucas moedas que tinha e comprou um algodão doce, para me ver um pouco feliz.

Aí tive a maior lição que alguém poderia me dar, mas pela pouca idade, não tinha consciência de quão riquíssimo era aquele momento. Para mim, o eu te amo que ele tinha falado não era suficiente, e eu não queria que meu pai fosse surdo, queria que ele usasse o aparelho auditivo, colocasse o implante coclear, e que ouvisse o que eu dizia e falasse comigo em português. Eu de birra parei de sinalizar e só falava em português, ele tentava fazer leitura labial, mas quando não entendia, pedia para sinalizar e eu fala sinalizando, “se você quer saber o que eu disse, use aparelho e fale. Porque eu não vou mais falar em Libras com você”.

Teve um período que pai usou bastante o aparelho auditivo, mas ele sempre relatava dor de cabeça e que não gostava de usar, mas usava quando eu estava lá na sua casa. E foi assim por um bom tempo, até passar anos sem ir mais para lá e nem sequer falar com ele. Eu estava revoltado pois Deus me deu um pai “defeituoso”, e eu costumava em minhas orações brigar com Deus por isso. E pedia um novo pai, um que ouvisse e falasse dessa vez.

Com mais uma reviravolta do destino, saio da casa de mãe e vou morar com pai, o que durou em média um ano e alguns meses, tempo necessário para mudar toda uma gama de preconceitos ainda malformados, mudar todo um panorama de não aceitação da surdez de pai e de ressignificação, abnegação de certas coisas e aceitação do que eu era. Aí já era mais que perceptível que o “fardo doloroso”, já não doía tanto assim, pois graças a um grande “ensinamento restaurador”, um Alexandre ainda sem informações se foi e um novo, com entendimento da realidade que me cercava, acabara de surgir.

Quando estou só, ou é orando com Deus, ou conversando coisas aleatórias, ou é pedindo, ou desabafando. Mas às vezes me questiono o porquê da divindade, me guiou por esse caminho. Ainda não sei, tenho minhas suspeitas, mas acredito que estou perto de saber. E qual caminho foi esse?

Em 2018, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a priori era medicina ou direito. Medicina para ser Otorrinolaringologista, para cuidar de pai ou obstetra e ginecologista. E o direito era mais por influência do meu tio materno. Mas no dia da prova quem foi me deixar dessa vez ? Meu pai. E o que ele me falou? Que eu iria passar, porém não seria no curso que eu queria e sim em um curso que eu trabalharia muito com as mãos, pois isso era fruto de uma oração minha.

Perguntei a ele o porquê dele estar falando aquelas palavras mediante tudo aquilo. Ele disse que estava com vontade de me dizer, sentiu em seu coração e

disse (sinalizou). Fui fazer a prova, e o tema da redação era “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. Sei que a redação foi a primeira coisa que fiz. E quando chegou no dia, de colocar minha nota no Sistema de Seleção Unificada (Sisu), na primeira opção e segunda, coloquei medicina e direito, mas para minha tristeza, minha nota não dava para esses cursos e no último dia, coloquei para engenharia florestal, em Mossoró e Letras-Libras, em Caraúbas.

E para a minha surpresa, quando abro no dia seguinte, não tinha passado em engenharia florestal, acabei por ficar fora das vagas, por causa de uma vaga mais precisamente. E fui aprovado em primeiro lugar em ampla concorrência em Letras Libras. Agora o porquê que eu escolhi Letras-Libras? Nem eu sabia. Para falar a verdade eu sabia sim. Em uma palestra espírita na Paraíba, teve apenas uma única mulher intérprete, que ativamente ela interpretou todo o evento. Não teve substituto, era apenas ela. Em um dado momento ela perguntou na plateia se não tinha ninguém que pudesse ajudá-la pois a mesma já estava cansada, naquele momento eu quase que me levantei, mas o medo me travou, pois ali eu sabia falar, mas a língua caseira e fiquei receoso de não saber a técnica para melhor interpretar. Fora o advento de estar em outro estado e por ventura algumas sinalizações serem distintas. Fiquei com peso na consciência, e na volta para casa, orando, disse, se porventura eu soubesse e tivesse preparado eu teria ajudado ela sem sombra de dúvidas.

E na escolha da segunda opção de curso, escolhi Libras, por causa desse evento atípico, entre outros, que me deixou reflexivo, pois o movimento espírita carece de intérpretes. Para minha surpresa pela manhã, vi meu nome como aprovado, fiquei triste porque não era o curso que tanto sonhei, mas precisava fazer, pois há cinco anos que tentava para medicina, porém sem êxito. Fui para Caraúbas, fiz minha matrícula, passei um mês indo e vindo de van. Até conseguir a moradia estudantil. Neste processo de um mês, percebi uma mudança significativa com o relacionamento com meu pai. Percebi aí que seus olhos brilhavam quando dizia que tinha aprendido determinada coisa em Libras. Pai não tem costume de externar suas emoções, mas com muitos anos acostumado a ter uma visão mais apurada, percebi traços em sua face de admiração. O que se confirmou meses à frente quando uma amiga de pai que veio falar comigo, dizendo que pai tinha muito orgulho por estar fazendo Libras.

Infelizmente isso durou pouco tempo, pois as múltiplas decepções com as minhas “não conquistas”, juntamente com a ansiedade após o assalto ao ônibus dos estudantes da UFERSA, as várias disciplinas que paguei para ocupar minha mente, cheguei a exaustão mental e uma tremenda aversão ao curso. Passei meses levantando um sorriso enquanto estava na universidade, mas no box do chuveiro chorava por lembrar de tudo que tinha vivenciado, e querer acabar com tudo, deixando tudo para trás e querer arriscar novamente no meu desejo. O trauma que carreguei por um bom tempo, do episódio do ônibus, um sequestro que aconteceu, me fez refletir sobre a morte, e que não valia mais a pena ficar onde estava, pois estava desejando outra coisa.

Confesso que nessas linhas acima, muitas coisas foram omitidas, por não caberem nesse artigo, mas aqui deixo claro, que as pressões que me fazia, juntamente com os vários afazeres acadêmicos mais os conflitos familiares que me perturbavam de longe. Me levou a um patamar de profundas angústias, e reflexões. Salvo aqui que se não fosse uma exímia profissional de psicologia, hoje poderia ter tomado outro rumo, o qual estaria arrependido. Foi ela que por lances de perguntas, e uma doçura em escutar, uma escuta sensível, que pude colocar todo meu caos para fora, e assim amenizar mais ainda o fardo que mentalmente me propus a carregar. Não só ela, mas também aqui posso citar, meu melhor amigo, que para mim é mais que um pai, que por meio da doutrina espírita me fez refletir mais ainda sobre minha vida, e meus amores, meus irmãos, que em meio a tantas trevas eles me trouxeram luz, que em meio a tanta agitação me trouxe calma, que em meio a tantas dúvidas sobre minha futura profissão, me trouxe o discernimento, que me fez tomar por uma nova perspectiva.

Perspectiva que se enriqueceu mais ainda com um trabalho de campo proposto pela professora Simone Rocha, um momento muito marcante que cito logo abaixo, com o título de “Se fere a educação seremos inclusão⁵”.

"- SE FERE A EDUCAÇÃO SEREMOS INCLUSÃO!"

Mais um dia marcante para mim, fomos fazer uma atividade de campo a pedido da professora Simone Rocha, visitar uma escola, e observar os alunos. Aparentemente uma atividade muito simples, porém não esperava encontrar uma menina surda, em uma dessas salas de aula.

⁵ Texto tirado do instagram do autor.

Como de praxe pedimos cordialmente para entrar e começamos a observar. A professora que ali estava falando sobre os adereços natalinos, e explicando o assunto, disse: - Olha aquela menina é surda! Nossa atenção ficou focada nela a partir desse momento. Sua timidez tamanha, num corpinho tão pequeno era tão singular, que por uma fração de segundos não pensei duas vezes, resolvi quebrar o gelo e fui falar com ela. A minha primeira sinalização "Oi" e foi nítido a reação dela, um sorriso que transpassa muito mais que meramente um sentimento de felicidade.

Sabe aquele momento que você vê a pessoa falar com o olhar, pois bem. Nesse momento senti ela dizer com olhar juntamente com a expressão, com muita força, "valha você fala como eu!". Bem, essa foi a minha conclusão. Posso estar errado, sem dúvidas, mas foi um momento ímpar de pura inclusão, foi lindo!

Me aproximei, disse meu nome "(Alê)" e fiz meu sinal (letra A no canto da boca), e ela sorrindo balançou a cabeça fazendo que "sim", e era notório que ela estava entendendo. Ela me mostrou seu desenho que acabara de pintar, e disse a ela que estava muito bonito (em Libras). Por hora vi uma pequena expressão para sinalizar alguma coisa, mas sua timidez era maior.

Notei também que ao seu lado tinha uma menina que hora interagiu em grupo e com ela, em Libras viu! Eram poucos os sinais, mas necessários.

Nesse momento, lembrei do tema da redação do Enem 2017, "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil". Parecia que tudo o que eu havia escrito na redação estava vivenciando naquele momento. A inclusão que eu tanto citei! Por fim, para não prolongar mais... Quando estávamos saindo, eu dei um tchau para a turma e para ela, e para minha surpresa, ela sinalizou! "Tchau Alê".

Aqui tive uma certeza, eu começava a me ver como docente, pois minha identidade enquanto futuro professor já estava se construindo. Este ocorrido foi um momento charneira que Josso (2010) defende. A autora enfatiza que são situações que ocorrem e que são divisores de água em nossa vida. A identidade do aluno Alexandre já estava construída, pois o Diretório Central dos Estudantes (DCE), o qual fiz parte como vice-presidente, fez esse papel primoroso em me lapidar enquanto estudante. A partir das aulas no curso de Letras-Libras, dos conhecimentos construídos ao longo das disciplinas e experiência como essa, agora me via constituindo a identidade docente.

5. BELIEVE IN ME

“Estou descobrindo rapidamente
 Eu não vou cair tão cedo
 Não hoje
 Acho que sempre soube
 Que eu tinha toda a força
 Para sobreviver
 Não vou ter medo
 Eu vou acordar me sentindo linda hoje
 E saber que estou bem
 Porque todo mundo é perfeito
 de formas incomuns,
 sabe
 Agora, agora eu acredito em mim
 Agora eu acredito em mim”.
 (Trecho da música Believe in me Demi
 Lovato)

Este artigo teve como objetivo analisar as experiências de um sujeito Coda e as contribuições dessas vivências para a formação do intérprete e docente em Libras. Os caminhos da pesquisa permitiram-me refletir sobre a minha trajetória, até aqui. Tudo o que precisei presenciar e vivenciar para estar onde estou. Já que foram essas experiências que moldaram a formação das minhas identidades, enquanto intérprete e professor de Libras. Me questionei caso eu tivesse a oportunidade de ter estudado numa escola bilíngue de surdos, que infelizmente não era algo palpável naquele tempo e nos dias atuais, ainda vem tendo umas problemáticas, como o número de escolas que ofertam essa modalidade é mínima em relação a todo país, e ainda as que ofertam essa modalidade além de ser pelo ensino privado, restringindo o acesso a quem não tem condições de custear por tal. Oferecem a língua estrangeira, o inglês ou espanhol e não a Libras.

A educação bilíngue já é uma realidade no Brasil. Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), as escolas bilíngues já representam 3% dos mais de 40 mil colégios particulares no país. Estima-se que 1200 instituições de ensino trabalham neste segmento... Já há muito tempo, o inglês faz parte do dia a dia das grandes empresas e, cada vez mais, deixa de ser visto como um diferencial para ser algo básico.(UNIVERSITÁRIO, 2021).

Vale salientar que quando se fala de educação bilíngue trata-se que a educação deve ser em dois idiomas, a língua mãe, no caso do Brasil (Português) mais uma língua estrangeira. E essa questão, da não obrigatoriedade da Libras, por vezes faz com que essa língua tão necessária não faça parte da grade curricular das escolas.

Retorno ao meu questionamento e se eu tivesse alguém, no dia do balanço, para me dizer algo quando aquela criança disse aquilo. Se eu tivesse passado em medicina de primeiro e nunca tivesse passado por Libras. Quantas lições deixaria de aprender.

Sei de uma coisa. Foram graças a esses episódios que meu ser foi se construindo, desconstruindo e reconstruindo, e está sendo, pois o processo nunca para, está em movimento, sempre mudando e me moldando, com o passar do tempo. E foi aí também, que aprendi a ser mais corajoso e acreditar mais em mim. E foi graças a essas vivências e experiências vividas, conselhos e lições aprendidas, que hoje sou, ou melhor me expressando me tornei.

Pois aqui minhas identidades foram criadas, como INTÉRPRETE, como PROFESSOR e como CODA. Atualmente, no momento que escrevo esse artigo sou intérprete de Libras no IFRN - Mossoró, atuei como professor em um curso de extensão de Libras Básico para alunos do integrado do IFRN. Como ministrei um curso voltado para a comunidade Surda (ASMOR), sobre Saúde do Surdo, no qual teve a participação de Alunos de Medicina da Ufersa. Também atuei em alguns eventos importantes da cidade, como o Mossoró Cidade Junina edição 2022 de 2023, Sal de Luz edições 2022 e 2023, Feira do Bode edição 2023, Auto da Liberdade edição 2023 e em Pau dos Ferros na Finecap edição 2023.

Ao finalizar esse trabalho, lembrei do tema proposto do enem 2018, “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”. Coloco aqui minha conclusão da redação, corrigindo alguns erros de acentuação e acrescento uma fala importante ao final.

[...] Portanto é dever do estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade civil assegurar a educação de qualidade às pessoas Surdas, ofertando o ensino da Libras na grade curricular do ensino, assim como as línguas estrangeiras. Como também o uso de tecnologias assistidas, de forma melhorar suas habilidades e promover sua participação em vários ambientes, seja escolar ou cultural que o Surdo se encontre.

Pois como dizia nosso saudoso Freire (1979, p.84), “a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas que transformam o mundo!”. Neste processo incessante de me constituir, me vejo enquanto ser humano, docente e intérprete de Libras que está preocupado em contribuir com a educação, transformar as pessoas e assim projetar um mundo mais inclusivo. Processo esse que não para, pois existe um grande desejo de dar continuidade e aprofundar essa pesquisa, visto que essa pesquisa pode contemplar outros campos e trazer importantes contribuições para o acervo acadêmico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais – Libras e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

COSTA, Gilmara Jales da. **Narrativa da experiência de children of deaf adults (coda): uma escrita de si.** 2019. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2019.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Orgs.). **O método (Auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; SãoPaulo: Paulus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HEIDEGGER, Martin, (1987). **La esencia del habla.** In: . De camino al habla. Barcelona: Edicionaes del Serbal.

JOSSO, Marie-Christine. **A Experiência de vida e Formação.** Tradução de José Cláudio e revisão científica Maria da Conceição Passeggi. 2ª ed. rev e ampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrar é humano!** Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs). *Intervenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

SILVA, Maitê Maus da. **Codas Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira**: percurso para o profissionalismo. 2016. 204. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SOUZA, José Carlos Ferreira. **Intérpretes codas**: construção de identidades. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução (Pget), Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2014.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

UNIVERSITÁRIO. **Educação Bilíngue**: muito além do domínio do segundo idioma, muito além do domínio do segundo idioma. 2021. Disponível em: <https://www.colegioecursouniversitario.com.br/educacao-bilingue-muito-alem-do-dominio-do-segundo-idioma/#:~:text=A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20bil%C3%ADngue%20j%C3%A1%20%C3%A9,de%20ensino%20trabalham%20neste%20segmento> .. Acesso em: 20 out. 2023.

No Ritmo do Coração. Direção: Sian Heder. Produção: Philippe Rousselet, Patrick Wachsberger, Fabrice Gianfermi, Jérôme Seydoux. Local: Amazon Prime, 2021.

Black. Direção: Sanjay Leela Bhansali. Produção: Sanjay Leela Bhansali, Bhavani Iyer, Prakash Kapadia. Local: India, 2005, Youtube.

DEMI LOVATO. **Believe in me**. Hollywood Records, Inc. Album: Don't Forget. 2008. Suporte: 3:41.

ALEXANDRE FAGNER GARCIA MEDEIROS ROCHA

**AS VIVÊNCIAS DO SUJEITO CODA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO
INTÉRPRETE E DOCENTE EM LIBRAS: Fragmentos de uma Memória**

Artigo apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Libras.

Defendida em: 10/10/2023.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MIFRA ANGELICA CHAVES DA COSTA

Data: 20/10/2023 15:11:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Ma. Mifra Angélica Chaves da Costa (UFERSA)
Presidente



Documento assinado digitalmente

GILMARA JALES DA COSTA

Data: 20/10/2023 14:44:15-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ma. Gilmara Jales da Costa
(UFRN)
Membro Examinador

SIMONE MARIA DA
ROCHA:0542381141

4

Assinado de forma digital por

SIMONE MARIA DA

ROCHA:05423811414

Dados: 2023.10.20 13:16:07

-03'00'

Prof^a. Dra. Simone Maria da Rocha (UFERSA)
Membro Examinador